

RETORNO AO JUDAÍSMO NO NORDESTE BRASILEIRO: O CASO DOS MARRANOS POTIGUARES

Marcos Silva.
Doutor em História da Educação
Departamento de História/UFS
Universidade Federal de Sergipe
silva.marcos@uol.com.br

RESUMO: O texto procura historiar o movimento de retorno dos marranos nordestinos, especificamente potiguaras, ao judaísmo. Começa analisando o caso paradigmático dos marranos de Belmonte, em Portugal, nas primeiras décadas do século XX. Depois, apresenta as origens remotas da comunidade judaica de Natal, no início do Século XX, formada por imigrantes vindos do leste europeu. O objeto principal é o trabalho de um grupo de *bnei anussim* potiguaras, a partir de meados da década de 1970, que, além de retomarem sua identidade judaica ancestral, se esforçam por revitalizar a vida comunal judaica na capital potiguar, que havia se extinguido ao final da década de 1960. Através de uma caracterização mínima desta comunidade judaica natalense é possível perceber sua peculiaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Marranismo; Judeus em Natal; Identidade.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, o nordeste brasileiro foi palco de um movimento de tomada de consciência da identidade judaica por parte de um significativo grupo de seus habitantes. Descendentes dos cristãos-novos que se fixaram na região ainda no período da América portuguesa, chamados de *bnei anussim* ou marranos, iniciaram um difícil processo de retomada de suas origens étnico-culturais.

Apesar de o assunto despertar algum interesse na mídia nacional e internacional,¹ alguns trabalhos acadêmicos nomearam o acontecimento como tema de pesquisa, e algumas publicações independentes², o fato é que a mobilização destes nordestinos, no período delimitado entre os anos de 1970 e início do século XXI³, ainda não foi devidamente

¹ No Brasil, revistas de circulação nacional como Visão (em seu número 34, de 22/09/1980) e Veja (em seu número 639 de 03/12/1980) noticiaram o movimento de retorno ao judaísmo dos *bnei anussim* do Nordeste. Também o Jerusalem Post, de Israel, repercutiu o acontecimento.

² Destacam-se a Dissertação de Mestrado de Sônia Maria Bloomfield Ramagem, *A Fênix de Abraão*, o livro de James R. Ross, *Fragile Branches: Travels Through the Jewish Diaspora*, os trabalhos de Paulo Valadares, uma rápida citação por parte de Nathan Wachtel em seu *A Fé da Lembrança: Labirintos Marranos*, além dos livros de Severino Barbosa da Silva Filho, *Marranos na Ribeira do Paraíba do Norte* e de João F. Dias Medeiros, *Nos Passos do Retorno: Descendentes dos Cristãos Novos Descobrendo o Judaísmo de Seus Avós Portugueses*.

³ Lina Gorenstein, ligada ao Laboratório de Estudos sobre a Intolerância, fez um balanço sobre os estudos, a maioria desenvolvidos no seio do LEI/USP, sobre o marranismo no Brasil. Este texto está disponível no

estudada, ou seja, inserida num contexto mais amplo, buscando-se o seu significado histórico, a partir de um referencial teórico-metodológico adequado. Este artigo pretende uma pequena introdução histórica ao assunto.

A dispersão de marranos pelo território nordestino pode ser datada como se intensificando a partir de 1654. NOVINSKY (2006: p. 156) ao descrever este fenômeno identifica as regiões que acolheram os primitivos criptojudeus nordestinos: “Parte dos judeus e cristãos-novos que viviam em Pernambuco, quando foi ordenada a expulsão dos judeus holandeses, não optou pelo exílio, e vamos encontrar seus descendentes, ainda praticando o judaísmo, nos sertões da Paraíba, do Piauí, do Ceará e do Rio Grande do Norte”.

Para confirmarmos o testemunho histórico de Anita Novinsky fizemos uma incursão pela Internet e, através de um levantamento sobre comunidades virtuais⁴ dedicadas ao marranismo, existentes no mais popular Site de relacionamentos do Brasil, identificamos a comunidade intitulada “Judeus Marranos”, a maior destas comunidades no *Orkut*, em língua portuguesa, com 625 membros (em 16/08/07).

O objetivo era determinar, com base em sua manifestação espontânea no espaço cibernético, em que estados do Nordeste o fenômeno de retorno ao judaísmo entre os *bnei anussim* se apresenta de forma mais intensa nos dias atuais.

Num total de 58 membros da comunidade que se identificaram como nordestinos, 12 (20,7%) são mulheres e 46 (79,3%), são homens. A distribuição de membros da comunidade pelos Estados nordestinos foi a seguinte: PI: 1 homem (1,7%); SE: 1 homem (1,7%); AL: 1 homem (1,7%); MA: 3 homens (5,2%); BA: 1 casal, 5 homens (10,3%); CE: 7 homens (12%); RN: 5 homens, 6 mulheres (19%); PE: 12 homens, 2 mulheres (24%); PB: 11 homens, 3 mulheres (24%).

Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte são os estados que concentram o maior número de membros nordestinos desta comunidade de marranos no *Orkut*. O Rio Grande do Norte chama a atenção por deter, sozinho, metade das mulheres marranas nordestinas existentes na comunidade analisada. O importante é ressaltar que a predominância, nesta comunidade, de pernambucanos e paraibanos reflete a realidade histórica de que desde a época do período colonial foram estas capitânicas que concentraram o maior número de marranos. Também a presença do Rio Grande do Norte, com um número próximo ao de

endereço eletrônico: <http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/104>, e mostra que até agora, em nosso país, os estudos têm se concentrado apenas no período colonial.

⁴ As comunidades virtuais que se formam na Internet em torno do compartilhamento de novas identidades configuram um fenômeno típico dos tempos atuais e se tornaram objeto imprescindível para o entendimento das novas configurações identitárias.

paraibanos e pernambucanos, demonstra corresponder às pesquisas atuais de antropólogos e historiadores que têm se dedicado a estudar a comunidade marrana deste estado.

Assim, nos interessa historiar o surgimento e desenvolvimento, a partir da década de 1970, da comunidade de marranos retornados na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte.

Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos *bnei anussim* ao assumir a condição de judeu? Como foi o relacionamento com a comunidade judaica tradicional? São algumas das questões que poderão nortear a construção desta introdução à história do retorno ao judaísmo dos *bnei anussim* potiguares.

O EXEMPLO DOS MARRANOS DE BELMONTE, PORTUGAL.

O mais significativo exemplo de persistência da identidade judaica entre os descendentes de marranos foi descoberto pelo Engenheiro de Minas judeu-polonês, Samuel Schwarz (1880 – 1953). Em 1925, publicou um livro intitulado *Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX*, onde revelou a existência no pequeno vilarejo de Belmonte, região centro de Portugal, de uma comunidade de descendentes de cristãos-novos que por séculos mantiveram clandestinamente sua identidade étnico-cultural judaica.

Para os estudiosos do marranismo, apesar da experiência da comunidade de Belmonte possuir características bem peculiares, seu movimento tornou-se protótipo do retorno dos *bnei anussim* ao judaísmo nas mais diversas regiões do mundo, conforme a curiosidade dos antropólogos e historiadores foi progressivamente revelando ao longo do século XX.

Uma das características que distinguiram o movimento de Belmonte foi a amplitude que o mesmo assumiu no Portugal do início do século XX. Para tanto, contribuiu a chamada “obra de resgate” empreendida pelo capitão do exército português, de origem marrana, Artur Carlos de Barros Basto (1887 – 1961).

Sediado na cidade do Porto e liderado por Barros Basto um amplo movimento de apoio ao retorno de marranos ao judaísmo estendeu-se pelas regiões da Beira e Trás-os-Montes (Centro e Norte do país). Em 1926, constituiu-se um comitê internacional⁵ para ajudar no retorno dos marranos. Em 1927, foi fundado um jornal intitulado Ha-Lapid (O

⁵ Portuguese Marranos Committee, com apoio da Anglo Jewish Association, da Alliance Israélite Universelle e da Spanish Portuguese Jew's Congregation, conforme GARCIA (2007).

Facho), que circulou até 1958 e que promovia a causa dos marranos através de notícias e divulgação de ensinamentos judaicos. Em 1929 foi criado o Instituto Teológico Israelita - Yeshibah Rosh-Pinah, dirigido por Barros Basto, que se destinava a preparar líderes para as comunidades judaicas recém-formadas. E, sobretudo, durante as décadas de 1920 e 1930 os deslocamentos de Barros Basto, Samuel Schwarz e outros “apóstolos dos marranos” através das vilas e povoações das Beiras e Trás-os-Montes, fizeram surgir, tanto na zona rural quanto urbana, comunidades marranas.

Alguém já tentou comparar o contexto histórico deste movimento de retorno dos marranos portugueses ao judaísmo com o contexto histórico vivenciado pelos marranos nordestinos no Brasil da década de 1970. A comparação, porém, em termos de contexto histórico não procede. O que se pode fazer é procurar extrair padrões de comportamento como base para alguma comparação válida.

Em Portugal, o período de maior mobilização dos marranos coincidiu com o Estado Novo português, a ditadura de Antônio Oliveira Salazar, que se estendeu por 40 anos. Deste período interessa ressaltar a relação privilegiada do regime político com a Igreja Católica e o controle dos costumes segundo o ideal da moral católica, com base na atuação de uma polícia política que perseguia os opositores do regime.

O estatuto confessional do salazarismo estimulou a Igreja Católica a perseguir os marranos e incetar uma campanha de natureza anti-semita. A inauguração da Sinagoga Mekor Haym no Porto, em 1938, despertou o ódio religioso dos católicos que iniciaram uma campanha de difamação contra Artur Carlos de Barros Basto que resultou na sua expulsão do exército português em 1943 e no esvaziamento do movimento marrano.

Este é o quadro amplo do contexto histórico do movimento de retorno dos marranos portugueses durante as décadas de 1920 e 1930. Não esquecendo de mencionar a crise econômica mundial instaurada em 1929 e a ascensão dos regimes fascistas na Europa e do sentimento de anti-semitismo generalizado naquele período.

Além dos inimigos católicos, a organização dos marranos também enfrentou resistência do judaísmo tradicional que dominava a comunidade israelita de Lisboa. Os marranos foram marginalizados pelos judeus enriquecidos que se encastelavam na comunidade de Lisboa. Na realidade, o fundamento para a marginalização dos marranos se encontrou na “clivagem entre o judaísmo-grande-instituição, ligado a sectores ricos, classistas, que, logo à partida, discriminam, elitizam, reprimem, e o judaísmo-na-base, ligado aos marranos.” MENDES (2007, p. 60).

O balanço que Cecil Roth fez da experiência dos marranos portugueses no início do século XX, e que pode ajudar a pensar o caso nordestino, foi o seguinte:

Não é impossível que o renascimento marrano tenha começado demasiado tarde para ser eficaz entre a grande massa do povo. Se, afinal, o renascimento parece ter chegado demasiado tarde, a catástrofe terá sido devida à lenta e inexorável pressão das circunstâncias, e não à perseguição inquisitorial. Aquele martírio prolongado, sem exemplo na história, provou não ter poderes para vencer o indómito espírito judaico. A despeito de todos os seus horrores, os marranos foram capazes de preservar a sua identidade e a essência da sua fé até aos dias de hoje. ROTH (2001,p. 249)

A PRESENÇA JUDAICA EM NATAL

Luís da Câmara Cascudo registrou o início da comunidade judaica em Natal, RN. De acordo com o mesmo:

Os primeiros israelitas vindos para Natal e que praticaram o culto foram os quatro irmãos Palatnik, Tobias, Jacó, Adolfo e José, em 14 de novembro de 1912. A comunidade Israelita Natalense foi fundada a 12 de janeiro de 1919. Em 1925 instalou-se o Centro Israelita que funciona como Sinagoga. O Centro foi registrado a 18 de agosto de 1929. A Sinagoga celebra o Rosh Hoschana (Ano Novo), Yom Kippur (Jejum do grande perdão), Schabuoth (Pentecostes), Succoth (festa das Cabanas, Outono), Páscoa. CASCUDO (1980, p. 369).

Formada inicialmente por imigrantes judeus oriundos da Ucrânia, a família Palatnik, a comunidade em Natal cresceu com a chegada de outros membros como, por exemplo, o tio Brás Palatnik, e com os casamentos dos quatro pioneiros, no início da década de 1920, com moças que eles foram buscar na Palestina. Na realidade, eles se estabeleceram e prosperaram na capital potiguar, dedicando-se ao comércio, agricultura, fabricação de móveis e construção civil. Brás Palatnik também enriqueceu com diversos empreendimentos, destacando-se uma fábrica de cerâmica. WOLFF (1984, pp. 32 e 33).

De tal forma que esta família, fundadora da comunidade hebraica de Natal e de sua primeira Sinagoga, alcançou alguma notoriedade na cidade⁶. Um de seus filhos, nascido em 1928 na capital potiguar, Abraham Palatnik, com quinze anos de idade foi estudar em Tel

⁶ Hoje existe em Natal, no bairro de Ponta Negra, a rua “Irmãos Palatnik”, sob código postal número 59.092-565.

Aviv. Quando retornou ao Brasil, cerca de cinco anos após, tornou-se artista plástico de renome internacional, reconhecido como o fundador da arte tecnológica no Brasil e um dos criadores da chamada arte cinética.

Outros judeus que se instalaram em Natal, nesta primeira metade do século XX, foram as famílias Josuá, Genesi, Mendel, Kelmanson, Volfzon. De tal forma que, segundo dados do IBGE, coletados por Egon e Frieda Wolff, em 1940, a comunidade judaica de Natal contava com 109 membros. O censo de 1960 registrou um total de 119 judeus residentes na capital potiguar.

O fato é que a comunidade organizou-se chegando a instalar uma pequena escola e a possuir sede própria para o Centro Israelita Northeriograndense, fruto de doação feita por Brás Palatnik em 1930. Esforços foram feitos para regularizar a vida religiosa e cultural da comunidade com a designação de *chazan* (cantor ritual) e *shochet* (abatedor ritual) e até o estabelecimento do Cemitério Judaico, numa área cedida pela Prefeitura de Natal, em 1931.

Um testemunho externo desta vida comunitária pode ser encontrado no poema intitulado “Evocação de Natal”, escrito por Djalma Maranhão⁷: “Leon Wolfson, rabino improvisado na comunidade judaica”. Leon Wolfson nasceu em 1887 e morreu em Natal no ano de 1967, deixando filhos, netos e bisnetos.

Outro testemunho é o nome de uma rua do Bairro do Tirol, em Natal: Rua “Dr. Jacob Wolfson”. Este morreu prematuramente em 1951, aos 34 anos de idade, e foi sepultado na quadra judaica do cemitério do Alecrim.

No entanto, por volta de 1936, iniciou-se um movimento de migração dos judeus residentes em Natal para outras cidades do país, como Rio de Janeiro e Recife e até para Israel. Assim, com o número de judeus extremamente reduzido em Natal, as atividades do Centro Israelita foram encerradas em Novembro de 1968, sendo sua sede doada à Liga Northeriograndense de Combate ao Câncer. WOLFF (1984).

⁷ Djalma Maranhão (1915 – 1971) político natalense de esquerda. Foi Deputado Estadual e Federal, além de Prefeito de Natal. Herdeiro político de João Café Filho, perseguido pela ditadura militar, exilou-se no Uruguai. Morreu no exílio, em Montevideú, em 30 de Julho de 1971. Fonte: Projeto Memória Virtual Djalma Maranhão. <http://www.dhnet.org.br/memoria/djalma/textos/poemdjm.htm> Em 14/02/08.

O DESPERTAR DOS MARRANOS EM NATAL – RN.

Um pequeno indício, colhido na obra de João F. Dias Medeiros, nos faz identificar a proto-história desta busca pelas raízes ancestrais dos cristãos-novos no Rio Grande do Norte. Assim, encontramos um dos heróis da resistência à invasão do bando do cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião, à cidade de Mossoró, RN, em 13 de Junho de 1927, o então tenente da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, Abdon Nunes de Carvalho.

Este, já em 1913, revelou viver de acordo com o universo simbólico judaico, ao circuncidar seu filho, José Nunes Cabral de Carvalho aos oito dias de nascido (DIAS MEDEIROS, 2005, p. 20). Estudiosos do marranismo potiguar atribuem a José Nunes Cabral de Carvalho (1913 a 1979), o aprofundamento dos estudos das origens judaicas do povo nordestino e o apostolado marrano. VALADARES (2007) lança a hipótese de que foi após encontrar-se com uma comunidade israelita, em Niterói, RJ, especialmente a família de Samuel Cudisevici, que o mesmo decidiu criar uma sociedade para congregar os marranos potiguares. Havendo estudado Odontologia em Niterói, RJ, tornou-se professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e co-fundador, junto com Luís da Câmara Cascudo e outros, do Museu de Antropologia da Universidade, em Natal, RN. Certamente, conhecedor da obra de Luís da Câmara Cascudo, pôde encontrar em *Mouros, Franceses e Judeus: Três Presenças no Brasil*, de 1967, as reminiscências dos costumes judaicos na cultura brasileira.

No que diz respeito a isto, Anita Novinsky, em declarações feitas ao *The Jerusalem Post* e publicadas em 31 de Maio de 2006, esclareceu que até a década de 1960 ninguém ainda conhecia marranos no Brasil. Não se conhecia a sua existência. Ela só descobriu a existência de marranos no Brasil quando através de uma carta um padre⁸ do interior do Rio Grande do Norte, auto intitulado “judeu da diáspora”, a convidou para visitar sua paróquia, que ele reivindicava ser inteiramente judia.

Sobre esta datação DIAS MEDEIROS (2005) informa que foi em torno de 1960 que ele juntamente com Prof. Filgueira⁹, Olavo Medeiros Filho¹⁰ e Odmar Braga¹¹ iniciaram um

⁸ Este padre teria sido Antenor Salviano de Araújo, pároco na cidade de Caicó, interior do Rio Grande do Norte.

⁹ Referência a Marcos Antônio Filgueira, nascido em 1949, professor de Entomologia e Ecologia Agrícola da UFRSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido), com sede em Mossoró, RN, genealogista diletante, autor de “Os Judeus Foram Nossos Avós”.

¹⁰ Olavo Medeiros Filho, caicoense, historiador diletante e autodidata, advogado de formação, ligado ao IHGRN/IHGB. De sua autoria, *Velhos Inventários do Seridó*, preocupava-se com a formação étnica da

verdadeiro trabalho etnográfico entrevistando idosos e fazendo gravações de depoimentos para levantar as origens marranas do povo do Seridó, que inclui municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba. O fruto destas pesquisas transformou alguns destes em apóstolos do marranismo.

Sônia M. B. Ramagem descreve em sua Dissertação de Mestrado o que ela intitula de “projeto messiânico” encabeçado por João F. D. Medeiros de, na segunda metade da década de 1970, “tentar atrair possíveis interessados em um retorno ao judaísmo.” RAMAGEM (1983, p. 72).

Assim, podemos datar com alguma segurança o início do movimento de retorno dos marranos potiguares ao judaísmo como tendo ocorrido nos anos de 1970. Ao final da década, em Março de 1979, José Nunes Cabral de Carvalho foi o “mentor” da reinstalação do CIRN (Centro Israelita Norteriograndense), agora redivivo. No auditório do Centro de Estudos Supletivos foi realizada uma Assembléia com a participação de 17 pessoas, dentre estas, alguns descendentes de judeus e outros candidatos à conversão.

Os personagens que passaram a dirigir as ações da comunidade foram: Ivan Pereira Birnbaum, como Presidente do CIRN; José Herculano Lopes, Secretário; Willy Daube, *hazan* (cantor ritual) e João Fernandes Dias Medeiros, *moreh* (orientador espiritual). Como é possível notar pela constituição da diretoria, o centro agregava os judeus remanescentes e os marranos potiguares.

Dentre as atividades a partir de então iniciadas pelos “judeus-novos”, na expressão de Egon e Frieda Wolff, merecem destaque a publicação de um Boletim Informativo, o funcionamento de um “Centro de Estudos Judaicos” cujo nome homenageava o principal mentor do projeto de retorno “Professor José Nunes Cabral” e que, sob os auspícios de João F. Dias Medeiros, se encarregava de instruir os que desejavam o retorno.

Segundo informações do Boletim Informativo do CIRN número 6, recolhida por Egon e Frieda Wolff, o número de membros neste início totalizava 40 pessoas, incluindo dentre estes até sobreviventes de campos de concentração nazista.

As dificuldades iniciais deste movimento podem ser divisadas pelo trecho do Boletim Informativo do CIRN de Outubro de 1980: “Por outro lado, há a atitude de alguns, de dentro

população, procurando descrever a composição da mesma. (Encontro Regional da ANPUH-RN 1.:2004, Natal, RN).

¹¹ Odmir Pinheiro Braga, diz respeito ao poeta pernambucano que, nascido em Recife em 08 de Novembro de 1952 é um dos líderes da comunidade marrana de Pernambuco e tem ganhado notoriedade pelo seu trabalho em favor dos *bnei anussim*. Atualmente desenvolve estudo de doutoramento, sob orientação de Nathan Wachtel, sobre o tema dos marranos. No entanto, as participações de Marcos Figueira e Odmir Braga nestas pesquisas devem ter ocorrido apenas de meados para o fim da década de 1970.

do Judaísmo, que podemos descrever como um ‘legalismo religioso’. Querem estes poucos legalistas, que os retornados satisfaçam a exigências tais que dificilmente seriam satisfeitos por notórios judeus.”

Do ponto de vista da institucionalização da comunidade, na época, final da década de 1970, foi procurado o apoio do Rabino Henry Sobel que se manifestou, através de carta endereçada a judeus askhenazitas residentes em Natal, apoiando a iniciativa da retomada das atividades do Centro Israelita do Rio Grande do Norte.

Assim, o Centro Israelita do Rio Grande do Norte teve sua situação regularizada junto à CONIB (Confederação Israelita do Brasil) como pertencente à Federação Israelita de Pernambuco.

Em 1982, ano em que realizou a pesquisa de campo sobre a Comunidade Judaica de Natal, Sônia M. B. Ramagem registrou um total de 21 membros. Em meados da década de 1990, contavam-se 12 famílias, das quais 8 eram de marranos.¹² Uma pequena comunidade, mas que conseguiu despertar a atenção de pesquisadores no Brasil e exterior, da imprensa e de instituições judaicas.

Em sua Dissertação de Mestrado, publicada em 2007, Paulo Valadares reconhece a importância deste movimento dos marranos potiguares:

Foi a primeira comunidade, depois da repressão inquisitorial, formada no continente americano. Lutando com muitas dificuldades, principalmente a falta de comunicação com os principais centros judaicos, o grupo com defecções e adesões, equívocos e acertos, tem resistido por estas duas décadas. VALADARES (2007, p. 268).

Em 1991, a pequena comunidade judaica natalense se empenhou no combate ao trabalho de um grupo de estudantes universitários que, pela imprensa escrita local, divulgava o revisionismo histórico que nega o holocausto e dissemina idéias anti-semitas. Inicialmente, formou-se um Comitê de Luta Contra o Neo-nazismo que convidou o escritor e Jornalista Ben Abraham, sobrevivente dos campos de concentração nazista, para desenvolver um programa de visitas e palestras em Natal e no interior do Estado. Foi montada uma comissão que organizou a viagem composta pelo presidente do comitê¹³, o vice-presidente, o Advogado

¹² Segundo Caesar Malta Sobreira. Em: History of the Sephardic Jews.

¹³ O então Presidente do Comitê de Luta Contra o Neo-nazismo foi pessoalmente contactado e solicitou que o seu nome não fosse divulgado neste trabalho.

Joaquim Fontes Galvão e pelo Assessor de Imprensa do Palácio do Governo, Gustavo Mariano. Na ocasião, o presidente do CIRN (Centro Israelita do Rio Grande do Norte) era Júlio D’Gabriel, que apoiou a iniciativa.

Dentro da programação, desenvolvida ao longo de 10 (dez) dias em Setembro de 1991, destacaram-se as visitas de Ben Abraham ao Governador do Estado, à Prefeita da capital potiguar, ao Superintendente da Polícia Federal, ao Comandante da Polícia Militar e aos chefes do poder legislativo. Também merece destaque, dentre outras, a palestra proferida no auditório da Reitoria da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e entrevistas nos canais locais de Televisão. Em todas as ocasiões o jornalista testemunhou a respeito de sua experiência de sobrevivente às atrocidades nazistas e demonstrou a falta de fundamentos das argumentações revisionistas.

Em seguida a estes eventos foi criada em Natal, ainda em 1991, a Fundação Ben Abraham com os objetivos de “lutar contra o neo-nazismo, contra o anti-semitismo e toda forma de discriminação racial”¹⁴ ABRAHAM (1991, p. 139). Deste episódio, além do forte apelo às autoridades pela vigilância contra o anti-semitismo e o esclarecimento à população, ficou um testemunho de Ben Abraham sobre a comunidade de marranos de Natal. Escrevendo para o jornal Resenha Judaica em Novembro de 1991, afirmou:

Durante a nossa permanência no Rio Grande do Norte fomos agradavelmente surpreendidos pelo fato de que os promotores da nossa vinda eram, exceto o presidente do Centro Israelita do RN, brasileiros enraizados há gerações nesta região. Considerando-se descendentes diretos dos marranos, fundaram o Comitê do Combate ao Anti-Semitismo do Rio Grande do Norte. Empenhando-se de corpo e alma nos assuntos judaicos, em todas as ocasiões salientam com orgulho serem judeus, seguindo na medida do possível as leis de Moisés. A sua postura e determinação deveriam servir como exemplo. (...) Ansiosos para legalizar a sua situação perante a lei judaica, os descendentes de marranos chamam a sua volta ao judaísmo de ‘retorno’ e não de ‘conversão’, uma vez que a sua condição atual deve-se ao batismo forçado, imposto aos seus antepassados. ABRAHAM (1991, p. 136).

Este testemunho contrasta com o resultado da visita feita por um rabino ortodoxo à comunidade em 1982, para conhecer os “novos judeus de Natal.” Se este foi “enviado” por alguma organização judaica para investigar a legitimidade do judaísmo da comunidade natalense ou foi convidado pela mesma, as informações são contraditórias. O fato é que a

¹⁴ Boletim Informativo da Fundação Ben Abraham de Combate ao Neo-Nazismo e Discriminação Racial - Ano I – Nº I – Set/Out/1991.

visita aconteceu e seu resultado foi analisado por Sônia M. B. Ramagem, que entrevistou o rabino. A declaração do Rabino ortodoxo sobre a comunidade de Natal, reproduzida pela autora é a seguinte:

‘Não ficamos impressionados que a coisa tenha qualquer origem... até se fosse, se há trezentos anos atrás houve qualquer ligação com o judaísmo, mas nesses anos já houve tantos casos de casamentos no meio, com certeza, que não se pode nem mais saber quem era mais judeu... morar naqueles arredores não tinha qualquer condição de manter nosso esquema de vida... Muitos deles não sabiam nem porque eram judeus. Um, por exemplo, achou que era judeu porque gostava de Golda Meir’. RAMAGEM (1983, pp. 85, 86).

Em alguns aspectos parece que a experiência dos marranos de Belmonte, em Portugal, é paradigmática. Assim, uma pequena análise à luz da experiência dos marranos de Belmonte sobre a comunidade de Natal pode ser esclarecedora.

CARACTERÍSTICAS PECULIARES

Em termos de contexto histórico, tomamos como referência inicial os anos de 1970, ocasião em que os principais apóstolos marranos em Natal iniciaram seu trabalho. Esta década caracterizou-se pelo surgimento do movimento ecológico, pela crise econômica global gerada pela elevação do preço do barril de Petróleo, em 1973, pela OPEP ((Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e pela contracultura.

Alguns, procurando fugir ao niilismo, que então se instalava, se voltam para a espiritualidade, saudando a chegada da Era de Aquário e deixando a sinalização de que a década de 70 teria uma importância singular no campo da religiosidade, destinada a alterar as conturbadas relações da modernidade com a religião.

A subida ao poder, durante esta década, de importantes chefes de Estado que, de uma forma ou de outra, estavam ligados a movimentos religiosos (Jimmy Carter, Menahem Begin e Ruhollar Khomeini) e a eleição do Papa João Paulo II, revela as raízes da manifestação política de um fenômeno que hoje em dia é constatado em todos os ramos de atividade humana, desde o propriamente religioso e místico, passando pelo artístico e econômico,

chegando até mesmo à atividade científica.

Assim, impulsionado pelo surgimento de Novos Movimentos Religiosos (NMR), ainda neste período, especialmente no Ocidente desenvolvido, um sentimento de busca do transcendental, ou de um significado divino em todos os atos do cotidiano, tendendo a substituir o materialismo exacerbado, fez a Sociologia da Religião questionar o conceito de secularização e constatar o início de um retorno ao Sagrado.

A partir de então, impactando todo o mundo, este movimento passou a ser visto por muitos como uma resposta e repercussão da problemática social do avançado processo de transição iniciado durante a década de 1970.

Esta sucinta caracterização dos anos 70 é um indicativo das diferenças que precisam ser consideradas quanto ao contexto histórico que marcou a “obra de resgate” dos marranos de Belmonte, em Portugal, em relação ao contexto histórico de retorno ao judaísmo dos marranos nordestinos e potiguaras, especificamente. Por outro lado, adotando como marco temporal o último quarto do século XX e primeiros anos do século XXI, identificamos como horizonte histórico maior deste movimento marrano no Nordeste brasileiro o fenômeno mundial de volta à religiosidade ocorrido na recente viragem de século e milênio. Assim, contextualizamos a redescoberta da identidade judaica no Rio Grande do Norte evidenciando sua interação com as condições sócio-econômicas e culturais de nossa época.

No plano nacional, além da distância de meio século que a separa do movimento em Portugal, a iniciativa dos *bnei anussim* nordestinos, apesar de acontecer sob uma ditadura, no caso, militar, não enfrentou a oposição de um catolicismo legalmente unido ao Estado, nem tampouco se debateu contra uma campanha anti-semita promovida institucionalmente, como foi o caso português. Também é bom lembrar as diferenças na dimensão do movimento. Em Portugal a chamada “obra de resgate” ganhou notoriedade e atingiu a milhares de descendentes de cristãos-novos e criptojudeus. No Nordeste brasileiro as cifras encontradas não ultrapassam, nas avaliações mais otimistas, as centenas.

Uma característica peculiar aos movimentos de retorno é que, ao contrário do papel central desempenhado pelas mulheres como “portadoras de cultura”, assegurando através da tradição oral e práticas rituais a manutenção e transmissão da cultura criptojudáica, parece que, quando da mobilização em prol do retorno dos *bnei anussim* à sua identidade étnico-cultural ancestral, são os homens que assumem o protagonismo da história.

Além de uma ação com predominância masculina, outro traço que será observado na história do retorno dos marranos é a mobilidade geográfica dos pioneiros. A Sociologia do Conhecimento ensina que “as pessoas que mudam seu ponto de vista geográfico

freqüentemente mudam também a imagem que fazem de si mesmas.” (BERGER, 1986, p. 69).

Além de José Nunes Cabral de Carvalho outro personagem que exemplifica bem esta característica é o “Dr Madeira”, João Fernandes Dias Medeiros, principal entrevistado de Sônia Maria Bloomfield Ramagem em sua Dissertação de Mestrado, sabiamente intitulada de “A Fênix de Abraão”.

A trajetória de vida do “Dr. Madeira” conforme descrita pela autora é a seguinte: Oriundo da região do Seridó, ingressou na carreira militar em Recife, Pernambuco. Da lá, foi transferido para São Paulo, onde tornou-se luterano. De volta a Recife, se casa e ingressa em um Seminário Teológico protestante. Ordenado pastor, foi enviado para o Rio de Janeiro onde, através da orientação do Rabino Henrique Lemle, de orientação conservadora, converteu-se ao judaísmo. Depois disto retornou a Natal, onde morara, com o intuito de trabalhar pelo retorno dos marranos, especialmente os oriundos da região do Seridó. As alterações acompanharam seus deslocamentos pelo Brasil.

Um aspecto peculiar que sempre caracterizou a comunidade judaica de Natal foi a convivência entre os descendentes de imigrantes judeus que chegaram à cidade no início do século XX e os marranos potiguares.

O fato é tão singular que o engenheiro Samuel Napchan, em passagem por Natal em Maio de 2006 conheceu a Sinagoga local, denominada Braz Palatnik, e se admirou da comunidade judaica local em que convivem e participam do serviço religioso “*B’nei Anussim*, descendentes de criptojudeus que recentemente retornaram à religião de seus ancestrais, e filhos e netos de imigrantes da Europa e do Marrocos”. O episódio foi narrado na Revista 18, do Centro da Cultura Judaica de Fev/Mar/Abr de 2007.

O visitante relacionou, dentre os nomes encontrados nas lápides da quadra judaica do Cemitério do Bairro do Alecrim¹⁵, alguns como Palatnik, Wolfson e Schurinow, além de Cabral de Carvalho e Leon Josua. São vestígios da história de uma comunidade em que conviveram, adoraram e partilham o mesmo campo santo, *bnei anussims* e judeus de origem askhenazita. Neste particular, a comunidade natalense se distancia do histórico das relações que tem se registrado entre marranos retornados e a comunidade judaica askhenazita que se constitui o grupo predominante nas regiões de origem ibérica, inclusive da experiência da comunidade de Recife, Pernambuco.

¹⁵ Neste particular, a comunidade israelita de Natal adotou uma solução semelhante aos marranos de Belmonte para o problema da constituição de seu Campo Santo.

Apesar disto, os pernambucanos tiveram o privilégio de receber a presença de um rabino enviado por uma organização de Israel que se dedica ao trabalho com os descendentes de cristãos-novos e, em 2005, foi fundado o Centro para Bnei Anusim da Shavei Israel, em Recife. O centro pretende dar assistência aos *bnei anusim* da região nordeste através de aulas de hebraico, história dos judeus, pensamento e práticas judaicas.

Um significativo passo na evolução do movimento potiguar foi a decisão da comunidade de Natal, em fins de 2006, de delegar a João F. Dias Medeiros as funções de rabino. Alguns chegaram a discutir a legitimidade deste rabino porque sua nomeação não cumpriu todos os requisitos da ortodoxia judaica. Com isto, mostraram não entender os rumos que o marranismo está tomando no Nordeste.

CONCLUSÃO

O diagnóstico de Ross (2000: 4), a partir de suas viagens através da diáspora sefardita, revela-se acertado quando o mesmo identifica o desenvolvimento, por parte dos criptojudeus, de novas variante do judaísmo. Em suas palavras: “A emergência de novas seitas judias – grupos que separados das formas dominantes do Judaísmo ainda permanecem judeus – tem contribuído para a continuada reinvenção do Judaísmo através também dos tempos.”

Desta forma, a atuação dos grupos marranos nordestinos é no sentido de sua organização comunitária, procurando preservar a cultura sefardita e uma relativa independência da comunidade judaica dominante, de cultura askhenazita.

Apesar de existir uma historiografia significativa a respeito dos cristãos-novos no Brasil ainda resta muito a ser pesquisado e, sobretudo, do ponto de vista da história do tempo presente, enfocando o marranismo em suas manifestações atuais de reconstituição da identidade outrora recalcada.

Este trabalho historiou o desenvolvimento deste fenômeno a partir do último quarto do século XX e procurou situá-lo dentro do processo mundial de retorno à religiosidade e na tendência hodierna de fluidez identitária. No entanto, este retorno às origens judaicas não se explica apenas como parte desta propensão atual. O desejo de reintegração da subjetividade, superando a secular cisão psicológica vivenciada pelos marranos, não pode ser adstrito a uma época histórica.

Algumas características significativas deste movimento são, especificamente no Rio Grande do Norte, a convivência entre os *bnei anussim* e os judeus descendentes de imigrantes europeus que chegaram ao Brasil no curso do século XX e a expectativa de um desenvolvimento futuro do movimento dos *bnei anussim* no Nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Ben. **De Varsóvia a Entebe**. São Paulo: Sherit Hapleita do Brasil, 1991.

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas: Uma visão humanística**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros, Franceses e Judeus: Três presenças no Brasil**. Rio de Janeiro, GB: Editora Letras e Artes, 1967.

_____. **História da Cidade do Natal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

DIAS MEDEIROS, João F. **Nos Passos do Retorno**. Natal, RN: Edição do Autor, 2005.

GARCIA, Maria Antonieta. **Comunidades Marranas nas Beiras** Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 31 Dez. 2007.

_____. **Judeus de Belmonte e o Poder Autárquico**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 31 Dez. 2007.

GORENSTEIN, Lina. **Brasil Marrano: As pesquisas recentes**. Disponível em: <http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/104> Acesso em: 03 Ago 2007

MENDES, Alexandre Teixeira. **Barros Basto: A Miragem Marrana**. Porto: Ladina. Associação de Cultura Sefardita, 2007.

NOVINSKY, Anita. A Sobrevivência dos Judeus na Visão de Baruch Spinoza: O exemplo da Paraíba. In: **A Inquisição em Xeque: Temas, controvérsias, estudos de caso**. / Ronaldo Vainfas, Bruno Feitler, Lana Lage da Gama Lima, (orgs). – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

Projeto Memória Virtual Djalma Maranhão.
<http://www.dhnet.org.br/memoria/djalma/textos/poemdjm.htm> Em 14/02/08.

RAMAGEM, Sônia Maria Bloomfield. **A Fênix de Abraão**. Brasília, 1983. Dissertação de Mestrado.

REVISTA 18. Centro da Cultura Judaica: Casa de Cultura de Israel. O Repórter. Samuel Napchan. **Um Shabat Inesperado no Rio Grande do Norte**. Ano IV – Número 19. Fev/Mar/Abr 2007. ISSN 1809 9793.

ROSS, James R. **Fragile Branches: Travels Through the Jewish Diaspora**. New York: Riverhead Books, 2000.

ROTH, Cecil. **História dos Marranos**. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

SOBREIRA, Caesar Malta. “**Djudios nuevos**” del nordeste brasiliano: El retorno del reprimido. Disponível em: http://www.orbilat.com/Languages/Spanish-Ladino/History/Djudios_nuevos_del_Brasil.html

The Jerusalem Post. The Lost Jews. Irin Carmon. Jewishworld.jpost.com. 31 de Maio de 2006. Disponível em: <http://www.jpost.com/servlet/Satellite?apage=1&cid=1148482080195&pagename=JPost%FSHowFull>. Acesso em 31 Dez. 2007.

VALADARES, Paulo. **Cristãos-novos no Brasil de Hoje**. Leitura, São Paulo, 10(115). Dezembro de 1991.

_____. **A Presença Oculta: Genealogia, Identidade e Cultura Cristã-Nova Brasileira nos Séculos XIX e XX**. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

WOLFF, Egon e Frieda. **Natal: Uma Comunidade Singular**. Rio de Janeiro: Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro, 1984.